



cinco linhas, para deixar o leitor mais à vontade; uma página com um só ou dois parágrafos de 10 linhas cada pode causar ansiedade no leitor. Desde que não seja por motivo técnico. Quanto ao diálogo, optará pelo diálogo interno ou até pelo discurso indireto livre. Se se tratar de uma narrativa aberta, observe que o diálogo tradicional, marcado por um travessão de acordo com a fala ou com mudanças de fala, será mais aconselhável até pela distribuição das palavras na página, com espaço aberto entre as falas. O que é um diálogo interno? É quando o autor não usa travessões, nem aspas, nem verbos dicendi. Este tipo de diálogo aparece dentro da narrativa, e deve ser usado, por exemplo, no caso dos textos intimistas. Você estava lá? Não devia ter ido, não devia ter saído. Não podia ir embora. A surpresa ficou na boca. Assim, suspense. Toda surpresa é suspense? Nem devia haver uma surpresa. O olho aceso ali, espiando. Coisa incrível a surpresa. E os olhos mirando, mirando muito bem. (Trecho do meu livro *Seria uma sombria noite secreta*). Qualquer leitor mediano percebe que existe aí um diálogo. Basta verificar o ritmo. E o ritmo é fundamental em qualquer narrativa, sobretudo por causa das perguntas e das respostas. Aí não há a poluição das aspas nem os espaços abertos por causa dos travessões. A narrativa continua íntegra, íntima, interior. Por esta razão é que funciona melhor numa narrativa intimista. No texto aberto, solto, para narrativas sociais, políticas, históricas, documentais, jornalísticas, como já se disse, é aconselhável o diálogo aberto: — Você estava lá? — Não devia ter ido, não devia ter saído. Não podia ir embora. — A surpresa ficou na boca. Assim, suspense. Toda surpresa é suspense? — Nem devia haver uma surpresa. — O olho aceso ali, espiando. — Coisa incrível, a surpresa. E os olhos mirando, mirando muito bem. (Trecho do meu romance *Seria uma sombria noite secreta*) E as aspas? Como ficam as aspas nesta história? É preciso ressaltar, todavia, que o escritor, desde o princípio, deve entregar seu ponto de vista a um narrador em terceira pessoa, em primeira pessoa, ou na falsa primeira ou falsa terceira pessoa. O autor não deve entrar na história. De forma alguma. Mesmo se for um romance, uma novela ou um conto autobiográfico, o autor deve usar sempre a simulação. Escolhe um personagem e faz dele seu alter ego. E o que é falsa primeira ou falsa terceira pessoa? A falsa primeira pessoa, por exemplo, é uma técnica em que a narrativa é escrita na primeira pessoa, mas com movimentos de terceira. Lembrando, ainda, que a primeira pessoa é uma narrativa em close, quando a narrativa está centrada no personagem central, que conta, que explica, que expõe. Na terceira pessoa, a narrativa está sempre aberta, vista de muitos ângulos, de muitas maneiras, não se fecha em si mesma. É preciso ressaltar, ainda, que esta não é uma regra. Nem muito menos infalível. O estudioso deve procurar outras variantes e seguir aquela que lhe pareça mais correta. É claro que os caminhos são muitos, inclusive no uso dos cenários nem sempre bem recomendados. A liberdade é o caminho da criação. As técnicas servem para indicar, iluminar os caminhos criadores. Mas sem servir de amarras fortes e definitivas. Cada escritor deve saber o que fazer na hora certa, no momento adequado, sem jamais perder a própria identidade. Nunca ceda ao desejo de criar sozinho. Conheça as cenas, os cenários, os diálogos e use-os conforme a sua necessidade sem renunciar à sua vontade, determinação e liberdade. NOTA O texto Não se acanhe: ficção é lugar para conversa foi publicado originalmente no jornal Pernambuco, de Recife (PE). A republicação no Rascunho faz parte de um acordo entre os dois veículos. Notícia retirada do jornal Rascunho. Todas as alterações posteriores são de responsabilidade do autor.